

## Asclépio, o deus-herói da cura: seu culto e seus templos

Scheila Rotondaro Koch\*

KOCH, S.R. Asclépio, o deus-herói da cura: seu culto e seus templos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 12: 51-55, 2011.

**Resumo:** O presente artigo pretende discorrer sobre o surgimento do mito de Asclépio na Grécia e sua expansão na antiguidade. Foi a partir desse mito que se desenvolveram os santuários de cura e a medicina grega, posteriormente adotada pelos romanos (sob o epíteto de Esculápio).

**Palavras-chave:** Asclépio – Santuário de Asclépio – Escola de medicina.

O mito de Asclépio é ainda bastante desconhecido da maioria, mesmo levando-se em conta que os efeitos de sua existência nos alcançam até hoje. A medicina ocidental, tal qual a conhecemos, está diretamente ligada ao mito desse deus-herói que nos remete ao século XIII a.C. onde Asclépio, de maneira geral, permanece afastado dos ciclos lendários. Ao contrário de outros deuses com suas personalidades complexas, Asclépio deve seu estatuto e sua popularidade a uma única função particularmente importante para os homens: a cura de doenças (todo o relato, salvo outra indicação, baseia-se em Brandão 1987: 90-93; Batista 2003: 207-210; e Burkert 1992: 75-79 e 1993: 371-417).

Procurando seguir pela vertente mais conhecida do mito, que tem variantes, Asclépio (ou Esculápio, em latim) era filho do deus Apolo e de uma mortal, a ninfa Corônis, filha de Flégias, o rei dos Lápidas. Temendo que o deus

eternamente jovem a abandonasse na velhice, já grávida, a ninfa uniu-se a Ísquis, que foi morto por Apolo. Corônis, por sua vez, foi morta a flechadas por Ártemis a pedido de Apolo. Contudo, como aconteceu a Dioniso, a criança, através de uma cesariana umbilical, foi retirada do ventre de Corônis por Apolo, e recebeu o nome de Asclépio. Conhecido entre os gregos como “o bom, o simples, o filantropíssimo” a origem do seu nome, contudo, permanece desconhecida.

Asclépio foi então entregue aos cuidados do Centauro Quíron, que o criou e educou no monte Pélion, tido como um local aprazível e regenerador, onde fez inúmeros progressos chegando mesmo a ressuscitar os mortos. Temendo pela alteração da ordem do mundo, a pedido de Plutão, Zeus fulminou-o com um raio; mas, como Hércules, Asclépio foi divinizado. Em princípio eram-lhe atribuídos dois filhos, Podalírio e Macaon, médicos como Asclépio, mencionados na *Iliada*. De sua união com Epione, nasceram pelo menos quatro filhas: Áceso (“a que cuida de”), Iaso (“a cura”), Panacéia (“a que socorre a todos”) e Hígia (“a saúde”).

A origem do mito do deus-herói Asclépio é muito antiga, originária de Trica, na Tessália,

(\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; pesquisadora vinculada ao Labeca – Laboratório de estudos sobre a cidade antiga – MAE/USP. Mestranda em Arqueologia Clássica. Bolsista do CNPq. [scheilarkoch@yahoo.com.br](mailto:scheilarkoch@yahoo.com.br)

bem anterior ao século XIII a.C., portanto provavelmente anterior a Apolo (que não é atestado em época micênica). Em uma das versões do mito, Asclépio fixou-se em Epidauro onde Apolo (que também era tido como deus da cura) imperava com seu culto, desenvolvendo ali uma verdadeira escola de medicina, cujos métodos eram predominantemente mágicos, mas cujo desenvolvimento (em alguns ângulos, espantoso para a época) preparou o caminho para uma medicina bem mais científica nas mãos dos chamados "Asclepiades". descendentes de Asclépio, cuja figura mais célebre foi o grande Hipócrates, da escola de Cós.

Como herói que foi deificado, Asclépio participa da natureza humana e da natureza divina, simbolizando a unidade indissolúvel que existe entre ambas, assim como o caminho que conduz de uma para outra.

Tanto em época histórica quanto anteriormente a ela, a natureza do deus se manteve ambivalente entre herói e deus: assim, as oferendas eram feitas a ele como deus e os *enaugúsmata* (sacrifícios), ofertados a ele como herói.

Profundamente ligado ao domínio ctônico, Asclépio transcende-o, sendo tido como ser duplo ctônico-olímpico. Sendo filho de um deus (Apolo) e de uma mortal, ele teve filhos e morreu, sendo atribuída a ele a condição de herói. O culto aos heróis é muito próximo do culto aos mortos (ctônico), que é o pólo oposto da veneração aos deuses (culto olímpico). Apesar de seu túmulo não ser venerado, como no caso do culto ctônico aos heróis, Píndaro o denomina *herós*. O culto aos mortos, associado ao culto de mistérios, era de origem neolítica (anterior a 3000 a.C.), ligando Asclépio à fertilidade da terra.

O culto ao deus-herói Asclépio atingiu uma enorme popularidade no mundo grego, principalmente a partir do século V a.C., com a Guerra do Peloponeso, quando a sociedade grega veio a sofrer mudanças dramáticas, que alteraram definitivamente seu antigo estilo de vida e conceitos. A instalação de epidemias, fruto das constantes migrações dos moradores das áreas rurais para as cidades, fugindo do ataque inimigo (como no caso de Atenas), anunciavam o declínio da pólis grega, modelo organizacional

que vinha tendo sucesso desde o século VIII a.C.

A instabilidade social se mostrava um fator insistente e generalizado; neste quadro, o recurso ao panteão grego e às suas divindades tradicionais diminuía constantemente. O interesse, por outro lado, crescia particularmente pelas filosofias e religiões de retiro, que propunham uma espécie de salvação individual e paz de espírito.

Asclépio era o portador da saúde e da salvação pessoais nesse mundo e sua veneração em toda a Grécia estava diretamente ligada a Apolo. As insígnias usuais de Asclépio eram a serpente ao redor de um bastão, a pinha, a coroa de loureiro, a cabra, o cão e o galo. A importância do espaço dos santuários de Asclépio não se restringia unicamente à questão médica, mas abrangia outros aspectos importantes da sociedade a partir desse período de metamorfose também no âmbito religioso, político, social e cultural.

Ao longo de sua expansão, o culto a Asclépio, em muitos dos santuários nascentes, tomou o lugar do culto a um deus ou um herói já existente sem, contudo, controlar totalmente os locais de peregrinação. Em outros santuários, compartilhou espaço com outras divindades, como é o caso de Apolo. Em Corinto, por exemplo, o culto a Asclépio foi articulado com um culto de Apolo, mais antigo.

No santuário de Asclépio, as oferendas feitas a ele em sua condição de deidade tinham seu lugar no templo, e os *enaugúsmata*, ou sacrifícios, eram feitos em um culto secreto ao herói Asclépio, dentro do *thólos* (edifício abobadado, rotunda), que continha um labirinto em que provavelmente era guardada a serpente. Este réptil, que era um animal ctônico, tinha entre seus principais atributos, para os antigos, o dom da adivinhação, simbolizando o renascimento e a renovação ininterrupta da vida.

Na constituição espacial do Santuário de Epidauro, o templo para o deus e o *thólos* para o herói ficavam lado a lado. Também em Epidauro, na entrada do recinto sagrado do antigo *hiéron*, havia um arco sobre duas fileiras de colunas de mármore em que estava gravada a síntese das grandes curas da medicina de Asclépio: "*Puro deve ser aquele que entra no Templo perfumado. E a*

pureza significa ter pensamentos sadios” (Brandão 1987: 91). Estava aí uma das bases sobre as quais se ministravam os tratamentos: a *nooterapia* (cura da mente); a *metanóia* (transformação dos sentimentos). Muitos autores concluem que os Sacerdotes de Asclépio acreditavam que as *harmatiai* (as faltas, os erros, o não comedimento) provocassem no ser humano problemas que levavam a idéias fixas e sua instalação e permanência na mente gerasse as doenças.

A importância da atividade médica era largamente reconhecida pelos helenos, principalmente levando-se em conta o fato de estarem constantemente sujeitos à guerra e seus efeitos. Esses “médicos”, os Asclepiades, vinham de diferentes escolas. Dentre as mais conhecidas, podemos citar a Escola de Cirene (no norte da África), a de Pérgamo, a de Atenas, a de Epidauro, a de Cnidos e o culto mais ortodoxo a Asclépio que se dava em Cós, terra de Hipócrates, que mereceu um papel de destaque na medicina ocidental nascente a partir do século V a.C. Também havia Escolas de Medicina na Magna Grécia, como a Escola de Vélia, vinculada ao Santuário de Cós (Greco 2002: 19). Diferentemente da Escola de Epidauro, a Escola de Cós seguiu por outras vertentes com relação à cura, que se constituíram sob a orientação de Hipócrates no chamado método indutivo, ou observação clínica, eminentemente empírico. Esta metodologia baseava-se na observação das informações e queixas trazidas pelos enfermos associadas a fatores externos como clima e possíveis antecedentes. Têm-se o que hoje se denomina *anamnese* ou exame clínico.

Entre os autores, é praticamente unânime a ideia de que o *Corpus Hippocraticum*, formado por cerca de sessenta tratados, tenha sido escrito por várias mãos baseadas nas orientações do mestre de Cós. Os tratados abordam, de maneira geral, embriologia, fisiologia, patologia geral, patologia de condições particulares, ginecologia, diagnóstico, prognóstico, tratamento, prevenção e aspectos éticos. Hipócrates definia como ponto de partida da arte médica, em sua forma mais primitiva, o socorro ao organismo humano, vítima de uma dieta tosca, onde a medicina teria um papel fundamental na descoberta de um sistema saudável de alimentação.

Epidauro era um dos mais importantes centros de cura entre o século V e IV a.C., ocupando a posição de grande centro espiritual e cultural. Tendo-se em vista que a causa das doenças era mental, o método terapêutico era espiritual, daí a importância da *nooterapia* no tratamento que provocava a higienização e reforma do ser humano como um todo. Havia assim uma busca incessante através do “conhece-te a ti mesmo”, de sorte que o homem despertasse para a realidade de sua essência.

Levando-se em conta as inscrições encontradas em estelas no Museu de Epidauro, datadas em fins do século IV a.C., as curas realizadas não eram atribuídas a medicamentos, mas sim a *metanóia*, ao juízo e a intervenção divina. Assim os Sacerdotes de Asclépio, muito mais pensadores profundos do que médicos, promoviam um grande progresso relacionado à psicossomática e à *nooterapia*, partindo, ao que parece, do princípio de que a harmonia e a ordem divina exercem influência decisiva sobre a saúde física e psíquica do ser humano. Recomendavam aos doentes que “pensassem santamente”, estando, por isso, convencidos de que, quando a nossa consciência se mantém em estado de pureza e harmonia, o físico torna-se, necessariamente, são e equilibrado. É o que pode ser visto também em Platão, no *Banquete* (186 d.), pelas palavras do médico-filósofo Erixímaco.

A importância dos sonhos dos pacientes, para os Sacerdotes, possivelmente partia daí: a chamada *Enkoimesis*, ação de deitar-se, de dormir, no *Ábaton* (Santuário). O deus vinha visitar os pacientes e as descrições dos sonhos pelos enfermos eram interpretadas pelos Sacerdotes que, em seguida, passavam a receita. Era o que se pode chamar de mântica por incubação. Com a experiência adquirida e o decorrer do tempo, as curas por meio de ervas e as cirurgias trouxeram suas contribuições, porém a cura integral era fruto da *metanóia*.

Os santuários de Asclépio, com destaque para Epidauro, eram também os centros culturais e de lazer. No santuário dessa divindade em Epidauro havia um Odéon, um pequeno teatro fechado onde se ouviam poetas e música; um Estádio para as competições esportivas, que se realizavam de quatro em quatro anos; um

Ginásio para exercícios físicos; um Teatro, o mais bem conservado do mundo grego, construído no século IV a.C. pelo grande arquiteto Policleto, o Jovem; uma Biblioteca e numerosas obras de arte.

Havia, em grandes santuários como o de Epidauro, uma *metúsia*, uma *communio*, um *consortium*, que representavam o elo entre as cerimônias culturais e cultuais, as doxologias (hinos laudatórios) com que os Sacerdotes reforçavam o sentimento religioso dos peregrinos e a harmonia da música, da poesia e da dança por seu valor terapêutico e tranqüilizante. A tragédia, a comédia, a poesia épica e lírica contribuíam para aumentar a espiritualidade e purificar a alma de certas paixões desastrosas.

A ginástica e as disputas atléticas disciplinavam os movimentos e o ritmo interior do corpo, multiplicando as possibilidades físicas e psíquicas do ser humano. A contemplação artística das obras de arte que ornamentavam o *ábatos* propiciava a elevação e a espiritualização do pensamento. O conhecido verso do poeta latino do século III d.C., Décimo Júnio Juvenal, parece ser uma extensão dessa linha de pensamento: *Orandum est ut sit mens sana in corpore sano* (“O

que se deve pedir é que haja uma mente sã num corpo sã”) (Sat. X, 356).

O escritor Henry Miller, em seu livro *The Colossus of Maroussi*, apresenta suas conclusões com relação à proposta *nooterápica* exercida pelos Asclepiades de Epidauro: “A meu ver, não há mistérios nas curas que se realizaram aqui, neste grande Centro Terapêutico da antigüidade. Aqui o médico era o primeiro a ser curado, o que constituía o grande progresso de uma arte que não é médica, mas religiosa” (Miller 1941 [s/p] *apud* Brandão 1987: 93).

No intuito de compreender melhor a importância dessa divindade no mundo grego e as particularidades de seu culto e dos procedimentos de cura em regiões diferentes, nossa pesquisa de mestrado concentra-se no estudo dos aspectos físicos do espaço dedicado a Asclépio nas diferentes regiões, os santuários, os seus usos, a distribuição das funções da cura em seu interior e as vias de circulação dos peregrinos. E veremos como, de Ocidente a Oriente do Mundo grego, Asclépio recebeu tratamentos diferenciados mantendo sempre, entretanto, algumas características comuns.

KOCH, S.R. Asclepius, the god-hero of healing: his cult and temples. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 12: 51-55, 2011.

**Abstract:** This article aims to discuss the emergence of the myth of Asclepius in Greece and its expansion in Antiquity. It was this myth that developed the Greek Healing Sanctuaries and Greek medicine, later adopted by the Romans under the epithet of Aesculapius.

**Keywords:** Asclepius – Sanctuary of Asclepius – Healing school.

#### Referências bibliográficas

BATISTA, R.S.

2003 *Deuses e Homens: mito, filosofia e medicina na Grécia antiga*. São Paulo: Landy Editora.

BRANDÃO, J.S.

1987 *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, volume II.

BURKERT, W.

- 1992 *The Orientalizing Revolution. Near Eastern Influence in Greek Culture in Early Archaic Age.* Cambridge: Harvard University Press.  
1993 *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian.

GRECCO, G.

- 2002 *Velia. La Visita alla Città.* Naus Editora: Ministero per i Beni e Le Attività Culturali.

MILLER, H.

- 1941 *The Colossus of Maroussi.*